
PERIÓDICOS BRASILEIROS DE TURISMO: Avaliação de sua estrutura intelectual, por meio do método de acoplamento bibliográfico (autores e documentos)

*Brazilian tourism journals: evaluation of its intellectual structure, by means of bibliographic coupling
(authors and documents)*

Andre Kohler (1), Luciano Antonio Digiampietri (2)

(1) Universidade de São Paulo, Brasil, afontan@usp.br. (2) digiampietri@usp.br



Resumo

O trabalho avalia a estrutura intelectual de 16 periódicos brasileiros de turismo, por meio da citação e cocitação de 108.595 referências de 3.887 artigos (1990-2018). Busca-se traçar um panorama dessa estrutura intelectual, apresentar *rankings* de autores e documentos mais influentes, e “mapear” a estrutura intelectual (temas, subcampos etc.). Com o passar das décadas, a estrutura intelectual tem tornado-se, crescentemente, mais complexa e robusta. O contínuo crescimento da média e mediana de referências por artigo e aumento da importância dos artigos de periódico indicam, *ceteris paribus*, que as redes de acoplamento bibliográfico tendem a revelar, mais apuradamente, essa estrutura intelectual, com seus subcampos, temas e escolas de pensamento. Contudo, apesar desse aumento, há, ainda, poucos artigos de periódico dentre os documentos mais influentes e cocitados. É patente a grande influência e centralidade de livros didáticos e/ou introdutórios ao turismo, secundados por manuais de metodologia, os quais, em conjunto, indicam certo predomínio da pesquisa qualitativa. Nos agrupamentos de ciências sociais, percebe-se o domínio de livros, com a quase inexistência de artigos de periódico muito citados. Há marcada influência da sociologia, antropologia e geografia. Nos agrupamentos de estudos de negócios turísticos, predominam os trabalhos sobre destino turístico. Cumpre destacar que, nas redes de acoplamento bibliográfico (autores e documentos), dado que seu centro é ocupado por autores e livros de ampla utilização, os subcampos e principais temas da estrutura intelectual são observáveis, apenas, na semiperiferia e periferia dessas redes.

Palavras-chave: Turismo; Ciência da informação; Periódicos brasileiros de turismo; Estrutura intelectual; Redes de acoplamento bibliográfico.

Abstract

We evaluate the intellectual structure of 16 Brazilian tourism journals, by means of the citation and co-citation of 108,595 references from 3,887 articles (1990-2018). We aim to provide an overview of this intellectual structure, to present rankings of the most influential authors and documents, and to “map” the intellectual structure (themes, subfields, etc.). Over the decades, the intellectual structure has become increasingly more complex and robust. The continuous growth of the average and median of references per article and the increase in the importance of journal articles indicate, *ceteris paribus*, that bibliographic coupling networks tend to reveal, more accurately, this intellectual structure, with its subfields, themes, and schools of thought. However, despite this increase, there are still few journal articles among the most influential and co-cited documents. The great influence and centrality of textbooks and/or introductory books is evident, stepped up by manuals of research methodology, which, together, indicate a certain predominance of qualitative research. In the social science clusters, the domain of books is evident, with few highly cited journal articles. There is a marked influence of sociology, anthropology, and geography. In clusters of tourism business, works centered on tourist destinations predominate. It should be noted that, in the bibliographic coupling networks (authors and documents), given that their center is composed by widely used authors and books, the subfields and main themes of the intellectual structure are only observable in the semi periphery and periphery of these networks.

Keywords: Tourism; Information science; Brazilian tourism journals; Intellectual structure; Bibliographic coupling networks.

1 Introdução

A publicação científica reúne o conjunto de teorias, metodologias de pesquisa, aplicações e resultados de uma ciência, disciplina ou campo, e forma, dessa maneira, sua base de conhecimento. Dentro da publicação científica, os periódicos são considerados vitais para a criação, troca e circulação de conhecimento científico, ao reunir o tipo de trabalho visto como o mais relevante e qualificado. Isso se deve, essencialmente, ao fato de os periódicos contarem com uma política editorial bem definida e o sistema de avaliação duplo cego por pares (*double blind review*), por meio dos quais os artigos publicados são vistos como conhecimento “qualificado” e “certificado” (Tribe 1997; Pechlaner et al. 2004; Miranda e Rejowski 2013).

Via de regra, os autores não partem sua pesquisa do zero. É, crescentemente, difícil encontrar artigos de periódico desprovidos de referências bibliográficas. Os autores costumam citar trabalhos que foram importantes para sua pesquisa, os quais são listados nas referências do artigo. Esse conjunto de citações permite verificar as bases teóricas, conceituais e metodológicas e as principais influências da pesquisa, assim como seu tema e especialidade. Para uma ciência, disciplina ou campo como um todo, a citação e cocitação das referências de um conjunto de

KOHLER, Andre; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. Periódicos Brasileiros de Turismo: Avaliação de sua estrutura intelectual, por meio do método de acoplamento bibliográfico (autores e documentos). *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol. 17, publicação continua, 2023, e023017. DOI: 10.36311/1981-1640.2023.v17.e023017.

publicações (por exemplo, artigos de periódico) permitem verificar sua estrutura intelectual e principais áreas temáticas.

Uma área de conhecimento pode ser estudada por meio de diferentes abordagens. Pode-se avaliar o que está sendo produzido (por exemplo, com a utilização das palavras-chave dos artigos), a autoria (autores, instituições e países), os tipos de trabalhos publicados (artigos de periódico, livros, capítulos de livro etc.) e o veículo da publicação, entre outros. Pode-se avaliar, também, o impacto das publicações de determinada área (quais são os documentos que citam os artigos dessa área), e ver, também, o que é referenciado por essas publicações, isto é, quais são os documentos presentes em suas referências bibliográficas.

Como objeto de estudo, trabalha-se com o conjunto de 16 periódicos brasileiros de turismo, mais especificamente suas referências bibliográficas. Foram contemplados, apenas, os artigos completos publicados no período 1990-2018, em cada uma dessas revistas científicas, no total de 3.887. A pesquisa não contemplou outros tipos de documentos publicados em periódicos, a exemplo de resenhas, editoriais e entrevistas.

Há três objetivos principais. Primeiro, busca-se caracterizar a estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo (1990-2018), no que concerne à média e mediana de referências por artigo e ao tipo de documento referenciado, a saber: a) artigo de periódico (campo de turismo); b) artigo de periódico (outros); c) livro; d) capítulo de livro; e) monografia (mestrado/doutorado); f) comunicação (artigo completo em anais de evento técnico-científico); e g) outros. Essa caracterização é enriquecida com a trajetória dessa estrutura intelectual, a qual permite apontar tendências nela presentes.

Segundo, apresentam-se *rankings* de autores e documentos, por meio das citações na estrutura intelectual. Objetiva-se, com isso, verificar quais são os autores e obras mais influentes, ou seja, mapear as principais influências intelectuais dos artigos sob análise. Para os principais autores e documentos, observam-se pontos como, por exemplo, tipo de produção científica (documentos) e área de atuação, a fim de compreender os padrões eventualmente existentes no conjunto de elementos mais influentes.

Terceiro, cumpre “mapear” a estrutura intelectual, por meio de citações e acoplamento bibliográfico. Busca-se destacar as características dos autores e documentos mais citados e mais centrais nas redes de acoplamento bibliográfico, assim como destacar e avaliar os principais temas e escolas de pensamento presentes. Pretende-se, também, verificar a existência de eventuais silêncios e lacunas na estrutura intelectual.

O presente trabalho permite o estudo do turismo como um campo de conhecimento, centrando-se em sua estrutura intelectual. Por meio dele, é possível perceber o estado atual do campo, com as obras e autores mais citados e os temas e escolas de pensamento proeminentes, assim como eventuais lacunas e silêncios. Isso é de particular valor tanto para recém-ingressantes no campo, os quais podem ter dificuldades para sua devida compreensão e conhecimento, quanto para pesquisadores mais experientes, para os quais os resultados servem de objeto de reflexão.

2 Trabalhos relacionados

A epistemologia é o ramo da filosofia que estuda o conhecimento. Como bem sintetiza Tribe (1997 p. 639, tradução nossa), a epistemologia do turismo ocupa-se com as seguintes questões:

[...] as características do conhecimento em turismo, as fontes do conhecimento em turismo, a validade e credibilidade das alegações de conhecimento do mundo exterior do turismo, a utilização de conceitos, as fronteiras dos estudos turísticos e a categorização dos estudos turísticos como uma disciplina ou campo.

Segundo Broadus (1987 p. 376, tradução nossa), a bibliometria é: “[...] o estudo quantitativo de unidades físicas publicadas, ou de unidades bibliográficas, ou de substitutos de ambos”. A bibliometria não é uma teoria; trata-se de um conjunto de métodos e técnicas, o qual permite a descrição, análise e avaliação da publicação científica, em pontos como, por exemplo, sua estrutura intelectual, estrutura social e autores com mais alta produção. Por meio de técnicas estatísticas básicas e avançadas, a bibliometria consegue medir a produção e disseminação do conhecimento feitas por meios formais de publicação científica (por exemplo, artigos de periódico) (Andrade et al. 2014; Koseoglu et al. 2016; Mulet-Forteza et al. 2019).

Kirilenko e Stepchenkova (2018 p. 1-2, tradução nossa) bem sintetizam a importância dos estudos bibliométricos para o campo de turismo:

[...] [o] exame sistemático da publicação científica é utilizado para rastrear a evolução da disciplina, identificar novas tendências e desenvolvimentos, apontar lacunas no conhecimento e áreas de inconsistência nos resultados de pesquisa, sugerir direções para pesquisas futuras, e, de forma geral, prover um panorama atualizado do campo. Para uma disciplina tão ampla e diversa como o turismo, a qual recebe contribuições de vários campos de investigação, a análise de suas propriedades estruturais é de particular valor.

As técnicas e métodos bibliométricos podem ser divididos, de modo geral, em avaliativos e relacionais. Os estudos avaliativos medem o desempenho de um artigo, autor, instituição ou mesmo país, por meio de medidas de produtividade, de impacto e/ou híbridas. Os estudos relacionais trabalham com as relações existentes entre os dados analisados, como, por exemplo, o acoplamento bibliográfico de autores e documentos, a análise de cocitação de autores e documentos e a coautoria de documentos publicados (autores, instituições e/ou países das instituições) (Benckendorff e Zehrer 2013; Koseoglu et al. 2016).

Segundo González-Alcaide et al. (2016), há três métodos mais utilizados para a avaliação das referências de um conjunto de documentos, a saber: a) citação; b) acoplamento bibliográfico; e c) análise de cocitação. O primeiro refere-se ao impacto de determinado documento ou autor (nesse caso, conjunto de suas publicações), e serve como indicador de sua influência e mérito no processo de construção de conhecimento. É, também, comum o cálculo do impacto de revistas científicas.

O acoplamento bibliográfico e a análise de cocitação são métodos de análise relacional das referências bibliográficas, os quais, segundo Grácio (2016 p. 84): “[...] [são] destinados a mapear as proximidades temáticas, teóricas e/ou metodológicas entre artigos, autores, periódicos, países ou outras unidades de análise: [...]”.

O método de acoplamento bibliográfico foi criado por Kessler (1963). Parte-se do princípio de que se dois artigos incluem, em suas referências bibliográficas, um mesmo elemento (por exemplo, documento, autor ou revista científica), eles guardam algum tipo de relação entre si, seja o tema de pesquisa ou base teórica, conceitual e/ou metodológica (González-Alcaide et al. 2016;

Grácio, 2016). O acoplamento bibliográfico é uma análise retrospectiva, e se baseia nas escolhas de quem cita, ou seja, os autores do documento em questão. Outro ponto importante do acoplamento bibliográfico é que ele considera todas as referências bibliográficas dos documentos sob análise, ponto de distinção importante em relação à análise de cocitação (Grácio, 2016; Glänzel, 2003).

A análise de cocitação foi proposta por Small (1977), tendo sido, inicialmente, aplicada para mapear o então rápido crescimento da pesquisa sobre o colágeno. Segundo González-Alcaide et al. (2016), a cocitação ocorre quando dois documentos estão presentes nas referências bibliográficas de um terceiro documento. Logo, a análise de cocitação é baseada: “[...] na identificação e quantificação da frequência com a qual pares de documentos aparecem, conjuntamente, nas bibliografias de publicações científicas sob estudo” (González-Alcaide et al. 2016 p. 711 tradução nossa).

A análise de cocitação é útil para mapear as principais linhas de pesquisa, assim como a proximidade temática e de base teórica, conceitual e metodológica dos documentos a autores cocitados. Trata-se de uma análise prospectiva, ao se basear não no que os autores colocam nas referências bibliográficas de seu documento, como faz o acoplamento bibliográfico, mas sim por quem esse documento é citado. Ou seja, a estrutura intelectual é definida pelos citantes, e não pelos próprios autores na montagem de suas referências bibliográficas. Isso faz com que a análise de cocitação acabe por se restringir aos documentos e autores mais citados, ao contrário do acoplamento bibliográfico, o qual contempla todas as referências (González-Alcaide et al. 2016; Grácio, 2016).

Para apenas um artigo, essa cocitação pode trazer carga considerável de ruídos e distorções, dado que as referências são citadas por motivos diversos. Para um amplo conjunto de artigos, esses ruídos e distorções são minimizados, já que se estudam as cocitações mais relevantes. Para mapear a estrutura intelectual de uma ciência, disciplina ou campo, cumpre verificar tanto a frequência das citações (autores e obras) quanto as cocitações mais relevantes (Otte e Rousseau 2002; Benckendorff 2009; Benckendorff e Zehrer 2013). Por meio de um levantamento de 190 estudos

bibliométricos em turismo, Koseoglu et al. (2016) apontam que há, apenas, três que contemplam a análise de cocitação de referências.

Os dois métodos são úteis para a análise da estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo, por mais que possam produzir resultados particularmente muito diferentes entre si. Como será visto, na seção “3 Materiais e métodos”, a presente pesquisa é baseada no acoplamento bibliográfico (autores e documentos), não realizando uma análise de cocitação.

Gilmet-Pagés et al. (2022) destacam a gradativa migração da importância, nas ciências humanas, da publicação de livros para a publicação de artigos científicos. Os autores defendem a realização de estudos que não contemplem, apenas, periódicos muito conhecidos e/ou com alto fator de impacto, pois é importante conhecer a produção científica veiculada em revistas científicas de alcance nacional ou regional.

Benckendorff e Zehrer (2013) estudam as referências de artigos dos *Annals of Tourism Research*, *Tourism Management* e *Journal of Travel Research*, publicados em 1996-2010, com a extração de dados por meio do *Scopus*. Segundo os autores, a estrutura intelectual é marcada por um centro, o qual representa os temas centrais da literatura de turismo. Já a periferia concentra os subcampos emergentes, assim como os autores e obras ligados a pontos consolidados na literatura de turismo, porém muito especializados.

O centro é composto por três agrupamentos, a saber:

A análise fatorial identificou três agrupamentos claros de obras, as quais são, frequentemente, citadas conjuntamente – obras que representam, fortemente, temas de sociologia, antropologia e psicologia, trabalhos que têm uma base de geografia e planejamento, e obras com foco no comportamento do consumidor. Dessa forma, a análise fatorial realçou a natureza interdisciplinar da pesquisa em turismo. Evidente na análise dos autores [constantes nas referências] são três temas claros: turismo como um fenômeno social; planejamento do turismo e percepção dos residentes [locais]; e comportamento do consumidor e percepções do turista sobre os destinos. Uma interpretação pós-disciplinar dos resultados pode sugerir que um tema foca nos turistas, outro na oferta [turística] e planejamento do destino e um terceiro na imagem do destino e marketing. (Benckendorff e Zehrer 2013 p. 140-141 tradução nossa)

Gusmão et al. (2010) analisam o consumo de informação do periódico *Informação & Sociedade: Estudos*, por meio das referências de seus artigos. Os autores destacam que diferentes

áreas de conhecimento possuem distintas abordagens de consumo; por exemplo, em física, química, biologia e medicina, o consumo é centrado em artigos de periódico, ao passo que em outras, caso de Ciência da Informação, há um consumo maior de monografias. Isto foi confirmado para o periódico Informação e Sociedade: Estudos, dado que monografias correspondiam a 44,95% dos documentos mais citados. O conjunto de referências não permitiu a identificação de um referencial teórico básico compartilhado entre os artigos publicados.

Tribe (2010) aponta que o prestígio acadêmico deriva não apenas de medidas objetivas, a exemplo de número de artigos publicados nos principais periódicos internacionais de turismo, mas, também, do pioneirismo dentro do campo. Valene L. Smith é um caso emblemático, ao ter defendido – com sucesso – que a antropologia, geografia, sociologia e economia podiam ser reunidas e trabalhadas, conjuntamente, na pesquisa em turismo, por meio de novas abordagens e aplicações.

Tribe (2010) aponta uma série de livros, os quais “inauguraram” novas linhas de pesquisa, e ajudaram a definir o turismo como um campo, a exemplo de Smith (1989), Turner e Ash (1976), MacCannell (1999), Urry (2002) e Cooper et al. (2001).

3 Materiais e métodos

O objeto de estudo do presente artigo é o conjunto de periódicos brasileiros de turismo, os quais cumprem quatro requisitos. O primeiro é ter o sistema de avaliação duplo cega por pares para a publicação de artigos, não se constituindo o periódico em um magazine. O segundo é a revista estar ativa, com a publicação regular de novos números. Isso excluiu periódicos inativos, a exemplo de *Turis Nostrum*, o qual conta com, apenas, um número publicado (2012). O terceiro é a revista ser, apenas, de turismo, sem abordar outra ciência, disciplina ou campo, a exemplo de lazer, esporte ou administração. Isso evitou a inclusão de artigos que não pesquisam o turismo, os quais distorceriam os resultados da pesquisa. O quarto requisito é a revista estar avaliada, em março de 2017, no Qualis Periódicos, Área Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, com, no mínimo, B5 nas classificações de periódicos (quadriênio 2013-2016).

A aplicação simultânea desses quatro requisitos resultou na seleção de 16 periódicos brasileiros de turismo, a saber: i) Anais Brasileiros de Estudos Turísticos (Universidade Federal de Juiz de Fora); ii) *Applied Tourism* (Universidade do Vale do Itajaí); iii) Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo (Pontifícia Universidade Católica do Paraná); iv) CULTUR – Revista de Cultura e Turismo (Universidade Estadual de Santa Cruz); v) Caderno Virtual de Turismo (Universidade Federal do Rio de Janeiro); vi) Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo (Universidade do Grande Rio); vii) Revista Brasileira de Ecoturismo (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal de São Paulo); viii) Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo); ix) Revista Iberoamericana de Turismo (Universidade Federal de Alagoas); x) Revista Latino-Americana de Turismologia (Universidade Federal de Juiz de Fora); xi) Revista Rosa dos Ventos (Universidade de Caxias do Sul); xii) Revista de Turismo Contemporâneo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); xiii) Revista Turismo: Estudos e Práticas (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte); xiv) Revista Turismo – Visão e Ação (Universidade do Vale do Itajaí); xv) Turismo em Análise (Universidade de São Paulo); e xvi) Turismo e Sociedade (Universidade Federal do Paraná).

Para cada um dos 16 periódicos selecionados, foram descarregados os arquivos (.pdf) de todos os artigos, diretamente de seus sítios eletrônicos, publicados entre 1990 (ano dos artigos mais antigos, todos da Turismo em Análise) e 2018, inclusive. Trabalha-se, única e exclusivamente, com os artigos completos, descartando-se editoriais, resenhas, entrevistas e outros materiais. Com isso, segue-se o padrão presente em grande parte da literatura nacional e internacional para estudos desse tipo (Jogaratnam et al. 2005; Xiao e Smith 2006; Zhao e Ritchie 2007; Benckendorff 2009; Racherla e Hu 2010; Benckendorff e Zehrer 2013; Santos et al. 2017; Strandberg et al. 2018; Kumar et al. 2020).

Por mais que o objeto de estudo consista em 108.595 referências, optou-se pela coleta, revisão e desambiguação manuais, sem a utilização de *softwares* de tratamento de dados para a consolidação final do quadro de referências. Tratou-se de um trabalho hercúleo, mas que garante fidedignidade ímpar de dados, assim como, por consequência, das métricas resultantes.

A coleta foi feita em 2017, 2018 e primeiro trimestre de 2019, dentro de um projeto de pesquisa mais amplo, o qual recolheu os dados de autoria, palavras-chave, referências bibliográficas e citações (impacto). A verificação em si e a desambiguação de nomes foram feitas, concomitantemente, à coleta de dados, da mesma forma que a classificação das referências bibliográficas, por tipo de documento. Em abril de 2019, foi feito novo processo de verificação e desambiguação de nomes, no que foi a última revisão dos dados coletados.

A coleta das referências foi feita, diretamente, nos arquivos dos artigos, descarregados dos sítios eletrônicos dos 16 periódicos. Foram feitos os seguintes procedimentos e coletas: a) para cada artigo, coletaram-se seus dados de identificação, com título, nome do periódico e ano de publicação; b) para cada referência, houve a classificação por tipo de produção; e c) para cada referência, foi reproduzida sua entrada completa, assim como as seguintes componentes isoladas, em células à parte: i) título do trabalho; ii) nome do periódico, evento ou livro (quando pertinente); iii) ano de publicação; e iv) autores (cada um em célula exclusiva).

Para algumas referências, foram consultados os documentos originais, se, e somente se, avaliou-se que alguma componente estava em falta ou errada. Isso aconteceu, com particular intensidade, no caso de capítulos de livro.

A revisão dos dados coletados foi feita, por meio de leitura transversal. A desambiguação de nomes foi feita em duas etapas. Primeiro, para facilitar o agrupamento, todos os nomes foram convertidos para letras minúsculas, os acentos e caracteres especiais foram removidos, os agnomes (filho, neto, júnior etc.) foram convertidos, cada um, para uma forma única (por exemplo, “júnior” e “jr.” foram convertidos para “junior”), e as preposições dentro dos nomes foram removidas (por exemplo, “Maria da Silva” foi convertido para “maria silva”). O *software* utilizado para construir a representação gráfica das redes de acoplamento bibliográfico foi desenvolvido pelos autores da pesquisa, na linguagem de programação *Java*.

Segundo, utilizaram-se planilhas de MS-Excel, a fim de consolidar o quadro de referências, por meio da reunião de múltiplas entradas de um mesmo autor ou obra. Foram feitos sucessivos processos de desambiguação, até se chegar em planilhas nas quais novos processos demandavam muito tempo, e geravam reduzido número de novas desambiguações.

De posse dos dados coletados, revisados e desambiguados de autores e obras, foram feitos três procedimentos, os quais forneceram os resultados da pesquisa. Primeiro, ano-a-ano, foram calculadas a média e mediana de referências por artigo, assim como, para seu número total, a composição por tipo de trabalho. Segundo, foram construídos *rankings* de autores e obras, por meio do número de citações (frequência) (1990-2018). Para os autores, foram calculadas duas métricas, a saber: a) frequência: quantidade de vezes que determinado autor é citado nas referências; e b) presença: quantidade de artigos nos quais determinado autor é citado, pelo menos, uma vez.

Terceiro, para a construção das redes (grafos), cada indivíduo ou nó da rede representa um autor ou obra. A relação entre nós é dada por sua cocitação (coocorrência) em determinado artigo, por meio do acoplamento bibliográfico. Ou seja, há uma aresta entre duas obras, se, e somente se, elas forem referenciadas no mesmo artigo. As métricas calculadas para cada rede, bem como sua visualização (grafo), foram calculadas e produzidas por meio de *software* próprio, desenvolvido pelos autores do presente artigo. Apenas o agrupamento dos nós de cada rede foi calculado com a utilização de *software* criado por terceiros, a saber: a função de agrupamento *Multi-level* disponível no pacote *igraph* (<https://igraph.org/r/>) para o ambiente R. Essa função utiliza uma abordagem de agrupamento hierárquico, na qual cada nó pertence, inicialmente, a um grupo diferente, e, a cada iteração, dois agrupamentos são fundidos, de forma a maximizar a medida de modularidade dos grafos (Blondel et al. 2008). A medida de modularidade é uma forma de medir a qualidade do agrupamento.

Para as redes de acoplamento bibliográfico (autores e documentos), os pontos de corte foram estabelecidos, a partir de nosso conjunto de dados; ou seja, para que permitissem uma descrição e análise mais apuradas dessa estrutura intelectual. Carvalho et al. (2021) discutem quais indicadores são mais úteis para selecionar pontos de corte, de modo a criar matrizes de cocitação de autores. Trabalha-se, nesse caso, com a análise de cocitações. O presente artigo não utilizou nenhum indicador presente na literatura; compararam-se os resultados de pontos de corte diferentes, até se chegar naqueles mais propícios para a descrição e análise da estrutura intelectual.

Os pontos de corte utilizados – requisitos mínimos para visualização no grafo – são os seguintes: a) autores: citação (45) e/ou acoplamento bibliográfico (25); e b) documentos: citação (25) e/ou acoplamento bibliográfico (15). Por exemplo, um autor aparece no grafo, se, e somente se, ele é citado, pelo menos, 45 vezes, e/ou participa de uma cocitação com valor igual a, pelo menos, 25.

Para a contagem das referências bibliográficas (autores e documentos) e das cocitações (acoplamento bibliográfico), foram utilizados todos os autores que assinam cada documento. Contudo, a coautoria não foi considerada uma cocitação.

Opta-se por não apresentar métricas de centralidade e de centralização. Segue-se o caminho de Benckendorff (2009) e Benckendorff e Zehrer (2013), a saber: prioriza-se a análise qualitativa dos grafos criados, de modo a identificar elementos centrais e influentes na estrutura intelectual, seus principais agrupamentos e a periferia da rede.

4 Apresentação e discussão dos resultados

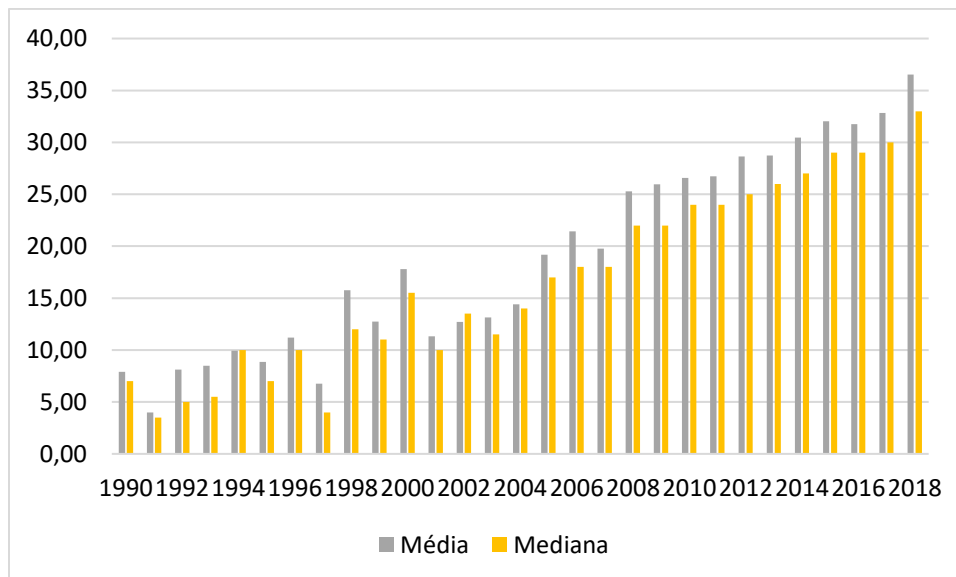
Os 16 periódicos brasileiros de turismo publicaram 3.887 artigos no período 1990-2018, os quais têm 108.595 referências, das quais 69.022 únicas. A Tabela 1 traz os dados básicos da estrutura intelectual (1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018), ao passo que a Figura 1 apresenta a trajetória (ano-a-ano) da média e mediana de referências por artigo e a Figura 2 aborda sua composição (tipo de trabalho):

Tabela 1- Referências, média, mediana e composição (1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018)

	PERÍODO					
	1990-1999		1990-2009		1990-2018	
	Número	% sobre total	Número	% sobre total	Número	% sobre total
Artigos	181		957		3.887	
Referências bibliográficas	1.791		17.856		108.595	
Referências bibliográficas (únicas)	1.621		13.191		69.022	
Artigos com referências bibliográficas	168	92,82%	890	93,00%	3.814	98,12%
Artigos sem referência bibliográfica	13	7,18%	67	7,00%	73	1,88%
Média (referências bibliográficas por artigo)	9,90		18,66		27,94	
Mediana (referências bibliográficas por artigo)	7		16		25	
Composição das referências bibliográficas						
Artigo de periódico (campo de turismo)	142	7,93%	1275	7,14%	13.394	12,33%
Artigo de periódico (outros)	154	8,60%	2232	12,50%	19.583	18,03%
Capítulo de livro	105	5,86%	1750	9,80%	9.589	8,83%
Comunicação - art. completo anais evento	70	3,91%	771	4,32%	4.521	4,16%
Livro	694	38,75%	7658	42,89%	36.576	33,68%
Monografia (mestrado/doutorado)	63	3,52%	761	4,26%	4.733	4,36%
Outros	563	31,43%	3409	19,09%	20.199	18,60%

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 1 – Referências, média e mediana (ano-a-ano)



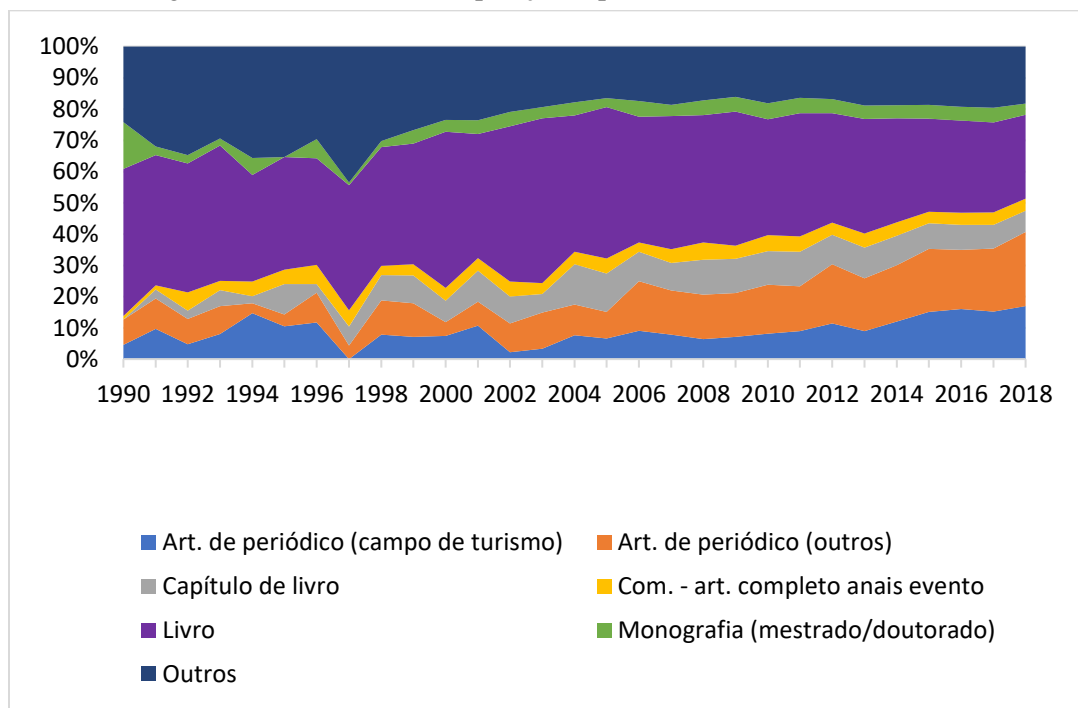
Fonte: Os autores

É nítido o adensamento das referências dos artigos, com o passar das décadas, assim como a quase “extinção” de artigos sem nenhuma referência. Desde 2010, foram publicados, apenas, seis artigos sem nenhuma referência – de 67 (1990-2009) para 73 (1990-2018), como mostra a

Tabela 1. Isso decorre, provavelmente, do reduzido espaço concedido para textos puramente opinativos, normativos e ensaísticos nos periódicos brasileiros de turismo, atualmente.

Destaca-se o contínuo crescimento da média e mediana de referências por artigo. A média passou de 7,91 (1990) para 36,54 (2018), tendo-se mantido acima de 30, desde 2014. Já a mediana “saltou” de 7 (1990) para 33 (2018), tendo apresentado contínuo crescimento, desde 2004. *Ceteris paribus*, isso indica que os autores preocupam-se, crescentemente, em apresentar a base teórica, conceitual e metodológica de seu trabalho, assim como contextualizá-lo dentro do campo. Isso tende a formar redes de cocitação mais complexas, como será visto, adiante.

Figura 2 – Referências, composição (tipo de documento) (ano-a-ano)



Fonte: Os autores

Tem havido, também, nítidas mudanças na composição das referências. Proporcionalmente, há marcado avanço na citação de artigos de periódico (campo de turismo e outros). Esses dois tipos chegaram, somados, à mais alta porcentagem sobre o total de referências, em 2018 (5.085 de 12.498 – 40,69% do total). O campo tem mantido a “tradição” de citar mais

artigos de periódicos de outras ciências, disciplinas e campos do que revistas de turismo – a diferença tem permanecido em torno de 7% a 8%.

Outra tendência marcante é a redução da importância dos livros na estrutura intelectual, proporcionalmente. De 1990 (47,13%) a 2018 (26,85%), a proporção de livros citados foi cortada quase pela metade. Isso não significa, contudo, que os autores deixaram de citar livros; na verdade, eles nunca foram tão citados quanto nos últimos anos, em média. Para todos os sete tipos de documento, houve aumento na média de citações por artigo, de 1990-1999 para 1990-2009 e para 1990-2018.

Por meio da Tabela 1 e das figuras 1 e 2, é possível afirmar que a estrutura intelectual tem ficado, *ceteris paribus*, mais complexa e madura, inclusive por recorrer, crescentemente, a fontes de conhecimento mais especializado e “certificado” – artigos de periódico. Continua a ocorrer, no Brasil, um fenômeno verificado já para os principais periódicos internacionais de turismo (*Annals of Tourism Research*, *Tourism Management* e *Journal of Travel Research*), a saber: há mais citações a artigos de periódico de outras ciências, disciplinas e campos do que a revistas de turismo, fenômeno atestado por Benckendorff e Zehrer (2013).

A Tabela 2 traz parte do *ranking* dos autores citados mais influentes na estrutura intelectual, por meio do número de citações totais (frequência). Listam-se, apenas, 20 autores, dado que o vigésimo-primeiro (John Swarbrooke) tem presença igual a 234, muito abaixo da de John Urry (vigésimo), cuja frequência igual a 281. Há, no total, 66.964 autores. A tabela apresenta, também, os seguintes dados para cada autor: a) presença (número de documentos citantes); b) número de arestas relevantes (iguais ou acima do ponto de corte); c) documento mais citado do autor em questão nas referências, com número absoluto e porcentagem sobre o total; e d) tipo de documento mais citado do autor, com número absoluto e porcentagem sobre o total:

Tabela 2- *Ranking* de autores na estrutura intelectual, 1990-2018

Autor	Frequência	Presença	Arestas	Produção mais citada	Frequência	% sobre o total	Tipo mais citado (sobre o total)	% sobre o total
Brasil	4.037	1.605	0	Brasil (1988)	92	2,28%	Outros	94,95%
Organização Mundial do Turismo	762	556	0	Organização Mundial do Turismo (2003a)	59	7,74%	Outros	62,86%
Mario Carlos Beni	711	619	52	Beni (1998)	423	59,49%	Livro	81,01%
Margarita Barretto	535	429	35	Barretto (1995)	113	21,12%	Livro	72,71%
Doris Van de Meene Ruschmann	430	380	31	Ruschmann (1997)	217	50,47%	Livro	77,91%
Philip Kotler	413	296	23	Kotler e Keller (2019)	84	20,34%	Livro	92,25%
Milton Santos	411	255	14	Santos (2006)	113	27,49%	Livro	89,29%
Colin Michael Hall	396	285	12	Hall (2001)	79	19,95%	Livro	49,24%
Reinaldo Dias	369	328	27	Dias (2003)	70	18,97%	Livro	92,14%
Luzia Neide M. Teixeira Coriolano	348	269	14	Coriolano (2006)	32	9,20%	Livro	45,40%
J. R. Brent Ritchie	340	242	21	Goeldner e Ritchie (2011)	84	24,71%	Art. periódico (campo de turismo)	41,47%
Alexandre Panosso Netto	320	233	17	Panosso Netto e Palhares (2008)	76	23,75%	Livro	68,13%
Antonio Carlos Gil	312	293	13	Gil (2019)	158	50,64%	Livro	96,47%
Ada de Freitas Maneti Dencker	309	292	19	Dencker (1998)	161	52,10%	Livro	88,35%
Dimitrios Buhalis	299	162	8	Buhalis (2000) Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e	60	20,07%	Art. periódico (campo de turismo)	66,56%
Chris Cooper	292	265	15	Shepherd (2001)	195	66,78%	Livro	83,56%
José Manoel Gonçalves Gândara	287	186	8	Gândara (2009)	23	8,01%	Art. periódico (campo de turismo)	64,46%
Mirian Rejowski	284	181	8	Rejowski (1996)	38	13,38%	Livro	32,04%
Michael E. Porter	284	195	10	Porter (1986)	32	11,27%	Livro	64,44%
John Urry	281	233	8	Urry (2002)	193	68,68%	Livro	89,68%

Fonte: Dados da pesquisa

Há dois autores institucionais (Brasil e Organização Mundial do Turismo), cujas ausências de arestas relevantes apontam a falta de consistência interna de sua produção. Para ambos, predomina o tipo “outros”, particularmente para o Brasil – relatórios governamentais, peças de legislação, planos, programas, projetos etc. Já Antonio Carlos Gil e Ada de Freitas Maneti Dencker são autores de manuais de metodologia de pesquisa populares no campo, o que explica, para ambos, a baixa diferença entre sua frequência e presença.

Há cinco brasileiros com marcada atuação no campo, há décadas, na produção científica e no ensino e orientação (graduação e pós-graduação) – Mario Carlos Beni, Margarita Barretto, Doris Van de Meene Ruschmann, Mirian Rejowski e Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano. Pode-se afirmar, com certa segurança, que os quatro últimos “inauguraram” linhas de pesquisa e subcampos no campo de turismo no Brasil, ao passo que Beni (1998) transformou-se na obra particular mais citada e mais central de sua estrutura intelectual.

Dos autores estrangeiros, há cinco com atuação destacada no turismo. Chris Cooper é o primeiro autor de Cooper et al. (2001), volume considerado por Tribe (2010) como um dos manuais mais influentes do campo, ao passo que Urry (2002) é um volume central e muito influente na estrutura intelectual dos principais periódicos internacionais de turismo (Benckendorff e Zehrer 2013).

Dimitrios Buhalis, J. R. Brent Ritchie e Colin Michael Hall têm produção mais eclética e variada, cada uma a se estender por vários temas e linhas de pesquisa. Da Tabela 2, o primeiro é o que tem a mais alta porcentagem de suas citações derivadas de artigos de periódico (campo de turismo e outros) – 224 de 299 (74,92% do total). Buhalis (2000) é o artigo de periódico (campo de turismo) mais citado na estrutura intelectual; contudo, ele tem, apenas, duas arestas relevantes.

Milton Santos (geografia), Philip Kotler (marketing) e Michael E. Porter (administração) são intelectuais renomados em sua ciência ou campo de atuação, mas nenhum deles tem atuação particular no turismo, salvo por meio de obras pontuais. Com exceção dos autores institucionais, eles são os que possuem, cada um, a mais alta diferença proporcional entre a frequência de citações e a presença, o que indica uma mais alta tendência de citação conjunta de várias obras de um mesmo autor, em determinado artigo.

Por fim, há três casos particulares. Alexandre Panosso Netto tem uma produção vasta e eclética, porém suas citações concentram-se em seus trabalhos de filosofia e epistemologia do turismo. José Manoel Gonçalves Gândara é o autor mais produtivo nos 16 periódicos selecionados; não se estranha que 70,38% de suas citações derivem de artigos de periódico (campo de turismo e outros). E Reinaldo Dias (2003; 2008) tem atuação centrada no campo de administração, mas é autor de variada gama de livros introdutórios de turismo, os quais, mesmo passados muitos anos de sua publicação, continuam a ser muito citados.

No caso das ausências e silêncios, esperava-se, pelo menos, um autor ligado à economia do turismo, dada a importância dos estudos econômicos para o campo, desde pelo menos os anos 1960. Outra ausência notada foi a de, pelo menos, um autor influente em campos correlatos, a exemplo de lazer e de hospitalidade. Nesse caso, a ausência mais sentida foi a de Luiz Octávio de Lima Camargo.

A Tabela 3 traz parte do *ranking* dos documentos mais influentes na estrutura intelectual, por meio do número de citações (frequência). No total, há 69.022 documentos diferentes. É apresentado, também, o título do documento e o número de arestas relevantes (iguais ou acima do ponto de corte estabelecido na pesquisa):

Tabela 3- *Ranking* de documentos na estrutura intelectual, 1990-2018

Referência	Título do documento	Frequência	Arestas
Beni (1998)	Análise estrutural do turismo	423	38
Ruschmann (1997)	Turismo e planejamento sustentável	217	17
Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Shepherd (2001)	Turismo, princípios e prática	195	12
Urry (2002)	The tourist gaze	193	4
Dencker (1998)	Métodos e técnicas de pesquisa em turismo	161	5
Krippendorf (2000)	Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens	161	6
Bardin (2011)	Análise de conteúdo	186	5
Gil (2019)	Métodos e técnicas de pesquisa social	158	5
Yin (2010)	Estudo de caso: planejamento e métodos	149	2
Gil (2002)	Como elaborar projetos de pesquisa	129	2
Boullón (2002)	Planejamento do espaço turístico	114	3
Barretto (1995)	Manual de iniciação ao estudo do turismo	113	7
Santos (2006)	A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção	113	2
Malhotra (2019)	Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada	112	6
Andrade (2000)	Turismo: fundamentos e dimensões	96	3
Cruz (2000)	Política de turismo e território	94	1
Ignarra (2000)	Fundamentos do turismo	93	5

Fonte: Dados da pesquisa

Há 156 obras que cumprem, pelo menos, um dos pontos de corte. Desse conjunto, 124 são livros (79,49% do total), seguidas por outros (14 – 8,97%), capítulos de livro (cinco – 3,21%), artigos de periódico (outros) (sete – 4,49%) e artigos de periódico (campo de turismo) (seis – 3,85%). Nesse último caso, todos foram publicados em periódicos internacionais – Buhalis (2000), Dwyer e Kim (2003), Baloglu e McCleary (1999), Gallarza et al. (2002), Tribe (1997) e Echtner e Ritchie (1991) –, e, com exceção de Tribe (1997), têm uma perspectiva aplicada a negócios (planejamento, competitividade e marketing).

É perceptível o amplo domínio dos livros na estrutura intelectual. Todas as publicações com mais de 100 citações são livros, sem exceção à regra. Do outro lado, há, apenas, 13 artigos de periódico, dos quais Barretto (2003) é o único publicado em revista nacional (*Horizontes Antropológicos*). Ou seja, os periódicos brasileiros de turismo não possuem, rigorosamente, nenhum artigo dentre os mais influentes de sua própria estrutura intelectual.

As 17 obras listadas na Tabela 3 são livros. Gil (2002, 2019), Dencker (1998), Yin (2010) e Malhotra (2019) são manuais de metodologia de pesquisa, e Bardin (2011) trabalha com análise de conteúdo. Em conjunto, indicam certo predomínio da pesquisa qualitativa nos periódicos brasileiros de turismo. Indicativo disso é a ausência de Hair et al. (2009) – manual de análise multivariada de dados muito influente e central na estrutura intelectual de periódicos internacionais de turismo (Benckendorff 2009; Benckendorff e Zehrer 2013; Guzeller e Celiker 2019) – da Tabela 3. O livro tem, apenas, 71 citações e uma aresta relevante.

A Tabela 3 contém seis livros de caráter didático e/ou introdutório – Ruschmann (1997), Cooper et al. (2001), Barretto (1995), Ignarra (2000), Cruz (2000) e Andrade (2000). Por mais que Ruschmann (1997) trabalhe com planejamento e sustentabilidade, a leitura transversal de várias de suas citações deixa claro que o volume costuma ser citado logo no início dos artigos, para sustentar afirmações gerais sobre o turismo e sua importância. Esse conjunto de livros não permite caracterizar, apuradamente, a estrutura intelectual, salvo a prática (ainda) generalizada de citação de manuais e livros de conteúdo didático e introdutório nos periódicos brasileiros de turismo.

Já Urry (2002), Krippendorf (2000), Santos (2006) e Boullón (2002) permitem verificar, mais apuradamente, a estrutura intelectual. Os três primeiros são obras particularmente importantes nas ciências sociais. Urry (2002) é muito central e influente na estrutura intelectual dos principais periódicos internacionais de turismo (Benckendorff e Zehrer 2013), e, em conjunto com Krippendorf (2000), aponta a importância da sociologia e da antropologia no campo de turismo no Brasil. Santos (2006) é uma obra seminal da geografia brasileira, de repercussão nacional e internacional, por mais que não tenha, particularmente, o turismo como objeto de interesse. Nos estudos ligados a negócios turísticos, para usar o termo cunhado por Tribe (1997, 2010), há, apenas, um livro – Boullón (2002) –, o qual aborda o planejamento do turismo.

Por fim, há Beni (1998). Uma primeira leitura pode deixar a impressão de que seu Sistema de Turismo (SISTUR) é amplamente aplicado na literatura de turismo, e/ou de que a teoria dos sistemas tem larga utilização no campo. Contudo, a experiência profissional dos autores do presente artigo, a importância de Mario Carlos Beni para a estruturação e consolidação do campo de turismo no Brasil e a leitura transversal de 45 das 423 citações revelam que Beni (1998)

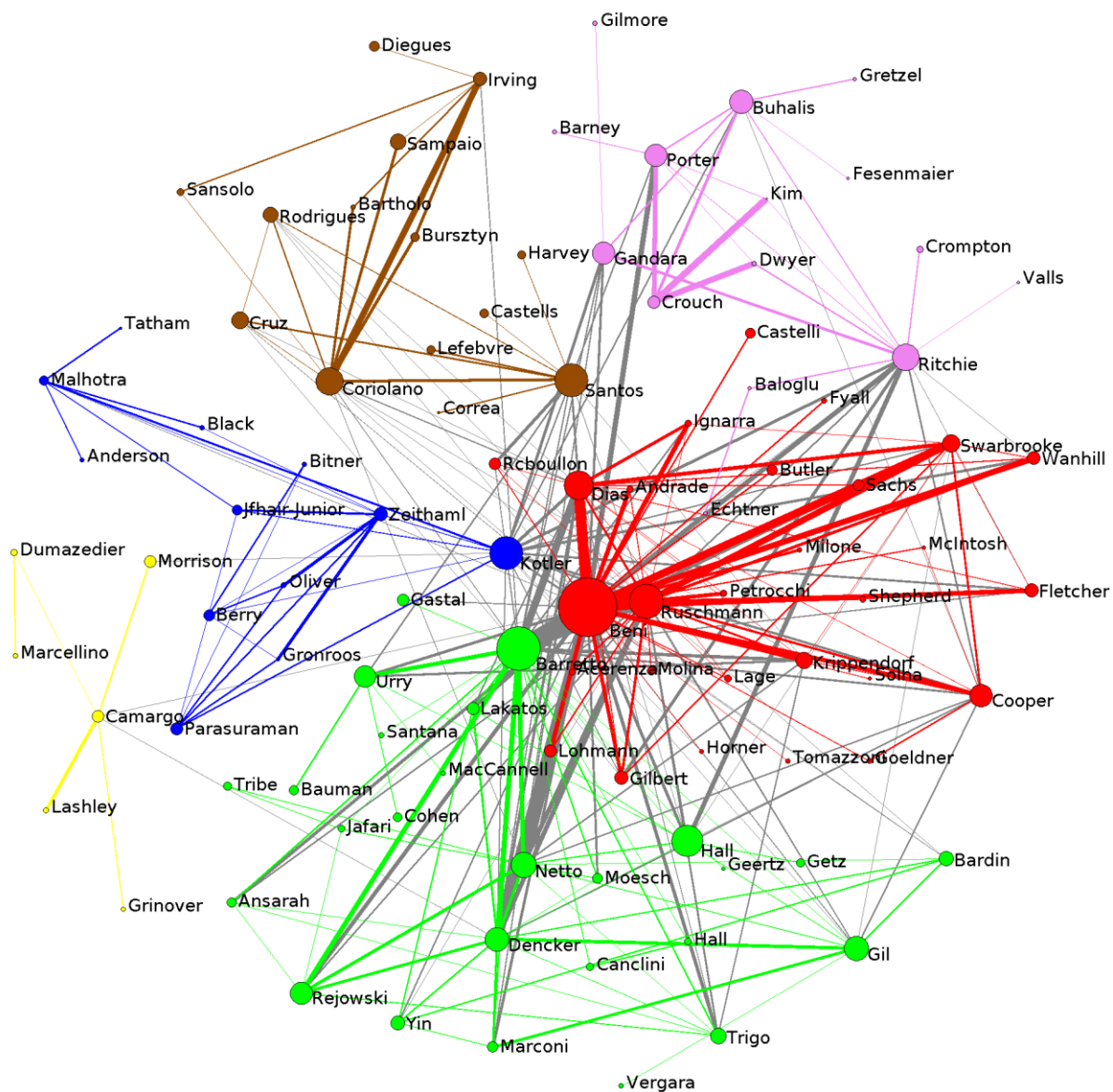
sustenta, na maioria das vezes, afirmações de cunho geral sobre o turismo – como, por exemplo, de que ele é importante, e tem crescido muito nas últimas décadas. A influência e centralidade de Beni (1998) reflete a importância e pioneirismo do autor, mas diz muito pouco sobre a estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo.

Chama a atenção haver muitas obras sem nenhuma aresta relevante (91 de 156 – 58,33% do total), por mais que existam, dentro desse subconjunto (91), 11 publicações com, pelo menos, 50 citações cada uma. Com mais de dez arestas relevantes, temos, apenas, Beni (1998), Ruschmann (1997) e Cooper et al. (2001), os quais, individualmente ou em conjunto, não possibilitam uma análise mais apurada da estrutura intelectual.

O amplo predomínio de livros (citação e cocitação), a presença de muitos manuais de metodologia de pesquisa e de livros didáticos e/ou introdutórios, e o fato de que mais da metade das 156 obras não terem nenhuma aresta relevante são indícios de que os periódicos brasileiros de turismo não têm, ainda, uma estrutura intelectual bem definida. Não é possível apurar, apenas por meio dos *rankings* construídos, como se caracteriza essa estrutura intelectual, salvo por meio de alguns pontos específicos, como, por exemplo, a importância de muitos autores e obras que trabalham com planejamento, marketing e competitividade do destino turístico, assim como a grande influência e centralidade de obras seminais nas ciências sociais, casos de Krippendorff (2000), Urry (2002) e Santos (2006).

A análise de redes permite refinar a caracterização da estrutura intelectual, ao se centrar nas cocitações mais relevantes. A Figura 3 mostra o grafo de cocitação de autores, ao passo que a Tabela 4 lista todos esses autores, segregados por agrupamentos e com sua frequência, presença e número de arestas relevantes. Seguindo a mesma lógica, a Figura 4 e a Tabela 5 contemplam as obras – elementos isolados não são mostrados nas tabelas nem sequer nos gráficos:

Figura 3 – Rede de cocitação de autores, 1990-2018



Fonte: Os autores

Tabela 4- Cocitação de autores (agrupamentos), 1990-2018

Autor(a)	Agrupamento	Frequência	Presença	Arestas	Autor(a)	Agrupamento	Frequência	Presença	Arestas	Autor(a)	Agrupamento	Frequência	Presença	Arestas
Mario Carlos Beni	1	711	619	52	Margarita Barretto	2	535	429	35	Milton Santos	4	411	255	14
Doris V. M. Ruschmann	1	430	380	31	C. Michael Hall	2	396	285	12	Luzia N. M. T. Coriolano	4	348	269	14
Reinaldo Dias	1	369	328	27	Alexandre Panosso Netto	2	320	233	17	Rita C. A. Cruz	4	228	189	6
Chris Cooper	1	292	265	15	Antonio Carlos Gil	2	312	293	13	Carlos A. C. Sampaio	4	213	93	2
John Swarbrooke	1	234	212	13	Ada de Freitas M. Dencker	2	309	292	19	A. B. Rodrigues	4	208	166	6
Jost Krippendorf	1	223	217	11	Mirian Rejowski	2	284	181	8	Marta de Azevedo Irving	4	185	141	7
David Gilbert	1	187	179	7	John Urry	2	281	233	8	A. C. Diegues	4	144	119	1
John Fletcher	1	184	179	7	Luiz Gonzaga Godói Trigo	2	214	177	9	Ivan Bursztyn	4	134	109	2
Stephen Wanhill	1	183	177	7	Laurence Bardin	2	199	198	7	Manuel Castells	4	131	121	1
Guilherme Lohmann Palhares	1	172	136	3	Robert K. Yin	2	192	188	6	Henri Lefebvre	4	127	82	1
Roberto C. Boullón	1	167	151	5	Eva Maria Lakatos	2	171	164	6	David Harvey	4	126	100	1
Ignacy Sachs	1	160	124	2	Susana Gastal	2	165	127	2	Davis Gruber Sansolo	4	116	106	2
Richard Butler	1	155	124	1	Marina de Andrade Marconi	2	156	149	6	Roberto Bartholo	4	89	72	2
Gerakdo Castelli	1	147	123	1	Maruschka Moesch	2	146	116	4	R. L. Correa	4	59	48	1
Sérgio Molina	1	126	113	2	Zygmunt Bauman	2	140	111	1	Philip Kotler	5	413	296	23
Beatriz Helena Gelas Lage	1	113	106	3	Marilia G. dos Reis Ansarah	2	138	128	6	Valarie A. Zeithaml	5	185	110	8
José Vicente de Andrade	1	109	107	3	Erik Cohen	2	135	90	1	A Parasuraman	5	174	99	6
Mario Petrocchi	1	109	105	3	Donald Getz	2	128	101	1	L. L. Berry	5	157	92	5
Luiz Renato Ignarra	1	105	105	5	John Tribe	2	125	64	2	J. F. Hair Jr.	5	147	135	4
Rebecca Shepherd	1	101	99	1	Néstor García Canclini	2	122	104	2	Naresh K. Malhotra	5	143	140	7
Miguel Ángel Acerenza	1	99	89	2	Jafar Jafari	2	116	89	4	R. L. Oliver	5	94	52	3
Charles R. Goeldner	1	95	93	2	S. Hall	2	113	99	2	M. J. Bitner	5	88	62	2
Alan Fyall	1	93	90	1	A. Santana	2	92	72	1	W. C. Black	5	84	84	2
Paulo César Milone	1	90	83	1	S. C. Vergara	2	90	85	1	R. E. Anderson	5	78	78	1
Edegar Luis Tomazzoni	1	84	74	1	Dean MacCannell	2	87	65	1	C. Gronroos	5	71	60	3
S. Horner	1	79	76	2	Clifford Geertz	2	75	71	1	R. L. Tatham	5	58	58	1
R. W. McIntosh	1	76	75	2	J. R. Brent Ritchie	3	340	242	21	Luiz O. L. Camargo	6	167	126	6
Karina Toledo Solha	1	76	67	1	Dimitrius Buhalis	3	299	162	8	Alison Morrison	6	165	130	2
					José M. Gonçalves Gândara	3	287	186	8	Joffre Dumazedier	6	108	77	2
					Michael E. Porter	3	284	195	10	Conrad Lashley	6	93	74	1
					Geoffrey I. Crouch	3	172	94	7	Nelson Carvalho Marcellino	6	85	54	1
					John L. Crompton	3	104	76	1	Lucio Grinover	6	82	60	1
					J. H. Gilmore	3	87	79	1					
					L. Dwyer	3	84	62	5					
					J. B. Barney	3	80	44	1					
					S. Baloglu	3	76	63	2					
					Charlotte M. Echtner	3	76	66	1					
					U. Gretzel	3	75	51	1					
					D. R. Fesenmaier	3	69	48	1					
					J. F. Valls	3	65	59	1					
					C. Kim	3	50	45	4					

Fonte: Dados da pesquisa

A rede de autores tem 206 elementos, dos quais 105 aparecem isolados, consequência dos pontos de corte adotados na pesquisa. Pierre Bourdieu é o elemento isolado com mais alta frequência (177) e presença (122), excluindo-se autores institucionais.

O Agrupamento 1 (vermelho) ocupa espaço central no grafo, e tem o mais alto número de componentes (28). É dominado por Mario Carlos Beni, secundado por Doris Van de Meene Ruschmann e Reinaldo Dias e, depois, por Chris Cooper, John Swarbrooke e Jost Krippendorf, todos autores de livros didáticos e/ou introdutórios. Não é possível depreender um subcampo nem sequer uma escola de pensamento desse agrupamento, inclusive por haver grande heterogeneidade entre os demais elementos. O Agrupamento 1 atesta a centralidade e larga utilização de manuais e de textos didáticos e/ou introdutórios na estrutura intelectual.

O Agrupamento 2 (verde) liga-se, principalmente, ao Agrupamento 1, por meio de várias arestas externas. Apesar de seu elemento central (Margarita Barretto) ter, como obra mais citada, um livro didático (Barretto 1995), sua atuação é voltada ao turismo cultural e às relações várias entre cultura e turismo. Há a presença de vários autores de manuais de metodologia de pesquisa, com viés qualitativo. O Agrupamento 2 é centrado nas ciências sociais, com clara divisão no espaço ocupado por autores nacionais e estrangeiros. Os primeiros são mais centrais e influentes dentro do agrupamento, e possuem arestas externas, principalmente com o Agrupamento 1. Destacam-se Alexandre Panosso Netto, Luiz Gonzaga Godói Trigo e Susana Gastal. Os segundos estão na periferia do agrupamento, e têm, via de regra, apenas uma ou duas arestas (só internas), casos de Dean MacCannell, Nestor Garcia Canclini e Erik Cohen. Nesse caso, John Urry acaba por ser a exceção à regra.

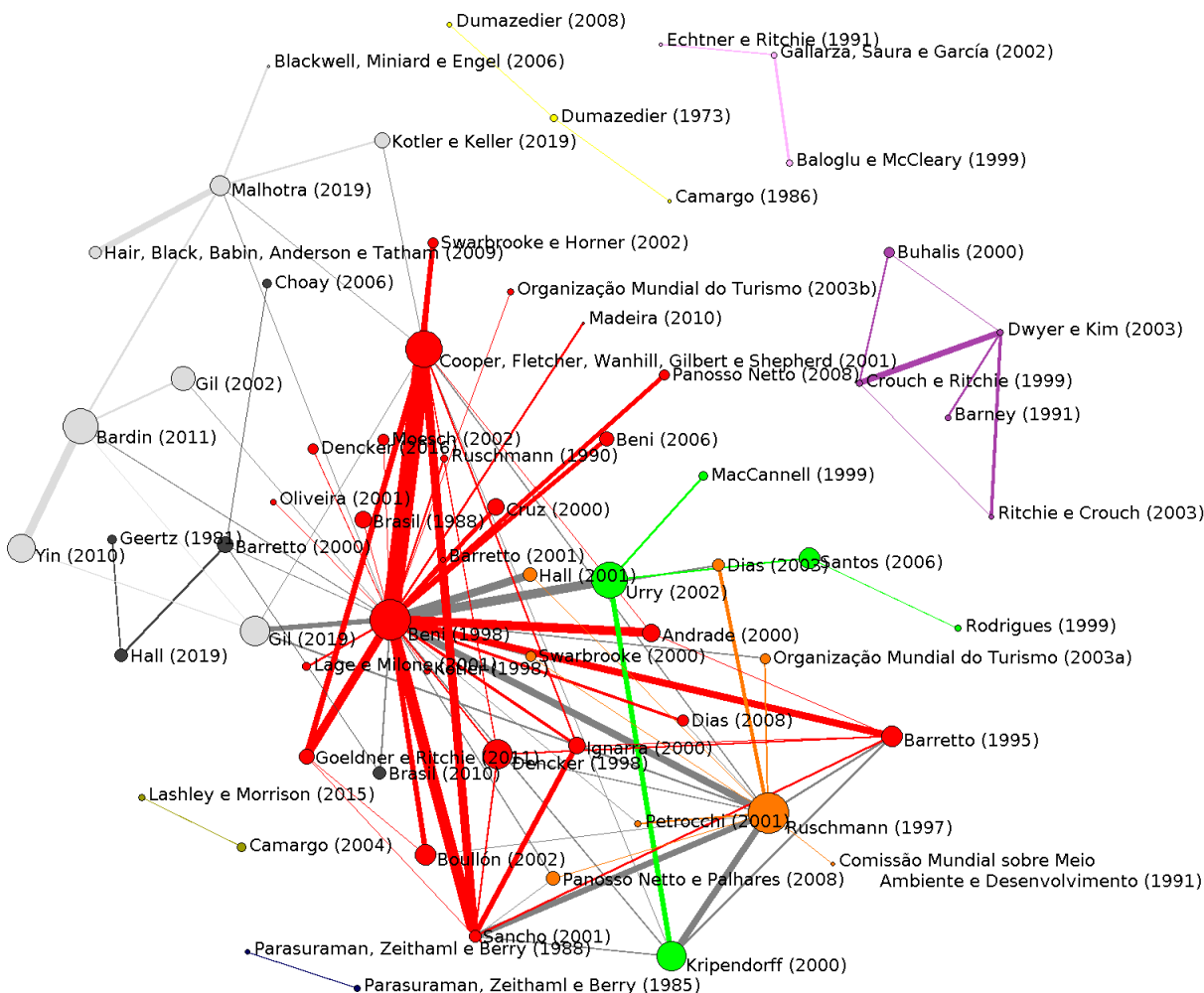
O Agrupamento 3 (violeta) tem 15 autores, com claro domínio de J. R. B. Ritchie, secundado por Dimitrios Buhalis, Michael E. Porter e José Manoel Gonçalves Gândara. Com exceção desse último, todos os autores são estrangeiros, e têm vasta produção de artigos de periódico, cada um. Trata-se, claramente, de um agrupamento de administração e marketing, com autores especializados em pesquisas sobre destino turístico (imagem, competitividade e gestão), além de estratégia competitiva. É um agrupamento coeso, que bem delimita uma parte da estrutura intelectual.

O Agrupamento 4 (marrom) tem 14 autores, sendo polarizado por Milton Santos e Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano. Trata-se de um agrupamento centrado na geografia, com foco em turismo de base comunitária, ecoturismo e questões ambientais relacionadas ao turismo. Assim como ocorre no Agrupamento 2, os autores estrangeiros ocupam a periferia do Agrupamento 4, inclusive com mais baixa frequência (David Harvey, Manuel Castells e Henri Lefebvre).

O Agrupamento 5 (azul) é, claramente, de marketing. Seu elemento central é Philip Kotler, cujo domínio indica uma visão gerencial do marketing. Já V. A. Zeithaml e A. Parasuraman são coautores em estudos importantes ligados à qualidade na prestação de serviços. Por fim, a presença de J. F. Hair liga-se a Hair et al. (2009), o que indica a ampla utilização de técnicas quantitativas de pesquisa.

Por fim, o Agrupamento 6 (amarelo) tem, apenas, seis elementos, e é o mais isolado e periférico da rede. É bastante homogêneo, reunindo autores nacionais e estrangeiros consagrados nos campos de lazer e de hospitalidade. Trata-se, também, de um agrupamento pouco denso, o qual depende, essencialmente, de um único autor para existir – Luiz Octávio de Lima Camargo.

Figura 4 – Rede de cocitação de documentos, 1990-2018



Fonte: Os autores

Tabela 5- Cocitação de documentos (agrupamentos), 1990-2018

Referência	Agrupamento	Frequência	Arestas	Referência	Agrupamento	Frequência	Arestas
Beni (1998)	A	423	38	Ruschmann (1997)	C	217	17
Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Shepherd (2001)	A	195	12	Hall (2001)	C	79	2
Dencker (1998)	A	161	5	Panosso Netto e Palhares (2008)	C	76	3
Boullón (2002)	A	114	3	Dias (2003)	C	70	2
Barretto (1995)	A	113	7	Swarbrooke (2000)	C	61	2
Andrade (2000)	A	96	3	Organização Mundial do Turismo (2003a)	C	59	2
Cruz (2000)	A	94	1	Petrocchi (2001)	C	42	2
Ignarra (2000)	A	93	5	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991)	C	29	1
Brasil (1988)	A	92	1	Barretto (2000)	D	90	4
Goeldner e Ritchie (2011)	A	84	4	Hall (2019)	D	75	2
Beni (2006)	A	80	1	Brasil (2010)	D	75	2
Sancho (2001)	A	69	9	Geertz (1981)	D	54	1
Dias (2008)	A	66	2	Choay (2006)	D	52	1
Moesch (2002)	A	64	1	Urry (2002)	E	193	4
Swarbrooke e Horner (2002)	A	62	2	Kripendorff (2000)	E	161	6
Panosso Netto (2008)	A	60	1	Santos (2006)	E	113	2
Dencker (2016)	A	59	1	MacCannell (1999)	E	54	1
Lage e Milone (2001)	A	49	1	Rodrigues (1999)	E	42	1
Ruschmann (1990)	A	44	1	Camargo (2004)	F	53	1
Kotler (1998)	A	42	1	Lashley e Morrison (2015)	F	39	1
Organização Mundial do Turismo (2003b)	A	40	1	Dumazedier (1973)	G	46	2
Oliveira (2001)	A	36	1	Dumazedier (2008)	G	31	1
Barretto (2001)	A	31	1	Camargo (1986)	G	24	1
Madeira (2010)	A	18	1	Buhális (2000)	H	60	2
Bardin (2011)	B	186	5	Dwyer e Kim (2003)	H	42	4
Gil (2019)	B	158	5	Crouch e Ritchie (1999)	H	41	3
Yin (2010)	B	149	2	Barney (1991)	H	36	1
Gil (2002)	B	129	2	Ritchie e Crouch (2003)	H	34	2
Malhotra (2019)	B	112	6	Baloglu e McCleary (1999)	I	40	1
Kotler e Keller (2019)	B	84	2	Gallarza, Saura e Garcia (2002)	I	35	2
Hair, Black, Babin, Anderson e Tatham (2009)	B	71	1	Echtner e Ritchie (1991)	I	25	1
Blackwell, Miniard e Engel (2006)	B	18	1	Parasuraman, Zeithaml e Berry (1985)	J	39	1
				Parasuraman, Zeithaml e Berry (1988)	J	33	1

Fonte: Dados da pesquisa

A rede de cocitação de documentos é composta por 156 elementos, dos quais 91 estão isolados. Há dez agrupamentos, dos quais apenas um tem mais de dez elementos. Ela tem baixa densidade; há poucas arestas externas, e muitos agrupamentos encontram-se isolados.

O Agrupamento A (vermelho) tem 24 elementos, e é o mais central da rede. Guarda paralelo com o Agrupamento 1, acrescido de manuais de metodologia de pesquisa. O domínio de Beni (1998) é indiscutível, secundado por Sancho (2001) e Cooper et al. (2001). Assim como ocorre no Agrupamento 1, a heterogeneidade dos elementos reforça a importância de livros didáticos e/ou introdutórios e manuais de metodologia de pesquisa na estrutura intelectual. Dos 24 elementos, apenas Brasil (1988) não é livro.

O Agrupamento B (cinza claro) é polarizado por Bardin (2011) e Malhotra (2019). O primeiro liga-se a três outros manuais de metodologia de pesquisa, os quais, conjuntamente,

indicam o predomínio da pesquisa qualitativa. O segundo liga-se a Hair et al. (2009) – o que indica a utilização de pesquisa quantitativa em marketing – e a dois livros de marketing.

O Agrupamento C (laranja) é centrado em Ruschmann (1997) – o livro participa de todas as arestas. É possível verificar um ponto que não estava claro, por meio apenas dos dois *rankings* e da rede de autores, a saber: a relação pouco marcada entre planejamento, sustentabilidade e questões ambientais, dentro da estrutura intelectual, pois ela depende, em termos de arestas relevantes, única e exclusivamente de um livro introdutório ao estudo do turismo e planejamento sustentável – Ruschmann (1997).

O Agrupamento D (cinza escuro) é composto por cinco documentos, das quais dois são brasileiros e introdutórios ao turismo cultural – Barretto (2000) e Brasil (2010) –, e três consistem em livros internacionais, todos considerados referências para estudos ligados à cultura, patrimônio, identidade e memória, mas sem foco no turismo – Hall (2019), Geertz (1981) e Choay (2006). Não se esperava a ausência de obras com visão aplicada e mercadológica do turismo cultural, vendo-o como um segmento do mercado turístico. Dada a presença de Barretto (2000) e, principalmente, Brasil (2010), esperavam-se obras de Greg Richards e Bob McKercher. A forma do agrupamento é “esquisita”; Barretto (2000) une, indiretamente, um texto técnico e normativo sobre o turismo cultural – Brasil (2010) – a volumes de ciências sociais, sem aplicação prática nem sequer foco em turismo.

O Agrupamento E (verde) centra-se em Urry (2002), o qual é, também, muito influente e central na estrutura intelectual dos principais periódicos internacionais de turismo (Benckendorff e Zehrer 2013). De um lado, ele liga-se (direta e indiretamente) a dois livros de geografia; do outro, a Krippendorff (2000) e MacCannell (1999). Todos os elementos desse agrupamento são livros de ciências sociais, com foco ou não no turismo. É útil comparar a influência de Urry (2002) com a de MacCannell (1999), este último considerado um clássico do campo de turismo, o qual Urry (2002) utiliza como contraponto, a fim de construir sua teoria das viagens e do turismo. Publicado, originalmente, em meados dos anos 1970, suas 54 citações e, apenas, uma aresta relevante revelam que MacCannell (1999) encontra-se, relativamente, “esquecido” na estrutura intelectual, apesar de seu papel seminal no campo de turismo.

Os documentos de hospitalidade e de lazer encontram-se separadas em dois agrupamentos (F [amarelo claro] e G [amarelo escuro]) diferentes, ao contrário do verificado na rede de autores. Ambos têm poucos elementos, cada um, e estão isolados dentro da rede. O ponto em comum é Luiz Octávio de Lima Camargo, presente tanto no agrupamento de lazer (Camargo 1986) quanto no de hospitalidade (Camargo 2004). É marcante o amplo domínio da teoria e do pensamento de Joffre Dumazedier nos estudos de lazer no Brasil (1973; 2008), inclusive por meio de um de seus orientados e discípulos intelectuais – Luiz Octávio de Lima Camargo.

Há dois agrupamentos de documentos que guardam paralelo com o Agrupamento 3. O Agrupamento H (violeta escuro) é atípico dentro da estrutura intelectual, pois, de seus cinco elementos, quatro são artigos de periódico, e apenas um é livro. Todos trabalham com a competitividade do destino turístico, sem exceção. Os quatro artigos foram publicados em periódicos internacionais de alto impacto, tanto os de turismo quanto os outros. A aresta entre Crouch e Ritchie (1999) e Dwyer e Kim (2003) tem valor igual a 25, muito alto para dois artigos de periódico, o que é um forte indicativo de que há um subcampo particularmente bem delimitado de estudos sobre a competitividade de destinos turísticos, na estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo.

Já o Agrupamento I (violeta claro) reúne três artigos de periódico (campo de turismo), todos publicados em importantes revistas científicas internacionais. De modo similar ao verificado para o Agrupamento H, o Agrupamento I é, particularmente, consistente, pois todos os elementos trabalham com a imagem do destino turístico. E, também, há uma aresta entre dois artigos de periódico com alto valor (20), ligando Baloglu e McCleary (1999) a Gallarza et al. (2002). Ao contrário de o que a rede de cocitação de autores faz esperar, não há nenhuma aresta externa entre os agrupamentos H e I.

Por fim, o Agrupamento J (azul escuro) encontra-se isolado na rede, e contempla, apenas, dois artigos de periódico, os quais trabalham com qualidade na prestação de serviços.

5 Considerações finais

Com o passar das décadas, a estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo tem tornado-se, crescentemente, mais complexa e robusta. O contínuo crescimento da média e mediana de referências por artigo e o aumento da importância dos artigos de periódico (campo de turismo e outros) indicam, *ceteris paribus*, que as redes de cocitação (autores, obras e artigos de periódico) tendem a revelar, cada vez mais, essa estrutura intelectual, com seus subcampos, temas de pesquisa e escolas de pensamento. Apesar desse aumento de importância, há, ainda, poucos artigos de periódico dentre os documentos mais influentes e presentes em cocitações relevantes. Não há, rigorosamente, nenhum trabalho publicado em um dos 16 periódicos brasileiros de turismo. Ou seja, essas revistas científicas (por meio de seus artigos) não têm nenhum trabalho muito influente em sua própria estrutura intelectual.

Por meio dos *rankings* e das redes de cocitação, é patente a grande influência e centralidade de livros didáticos e/ou introdutórios ao turismo, secundados por manuais de metodologia de pesquisa. Apesar da diminuição (proporção sobre o total) da citação a livros na estrutura intelectual, eles continuam a ocupar quase todas as primeiras posições no *ranking* de documentos mais influentes.

Isso faz com que os grafos da rede de cocitação (autores e documentos) tragam, em seu centro, o “atesto” da influência e centralidade de livros didáticos e/ou introdutórios, secundados por manuais de metodologia de pesquisa. O conjunto de manuais de metodologia de pesquisa mais influentes e centrais indica certo predomínio da pesquisa qualitativa nos periódicos brasileiros de turismo. Beni (1998) – citações e centralidade na rede – é um ateste à importância e pioneirismo de Mario Carlos Beni na construção e estruturação do campo de turismo no Brasil, mas pouco revela sua estrutura intelectual. A fim de compreender os subcampos e principais temas da estrutura intelectual, cumpre dirigir-se à semiperiferia e periferia das redes de cocitação.

Os resultados da presente pesquisa confirmam a separação do campo de turismo em dois subcampos, feita por Tribe (1997, 2010) e confirmada por Benckendorff e Zehrer (2013) para a estrutura intelectual dos principais periódicos internacionais de turismo (*Journal of Travel Research, Annals of Tourism Research e Tourism Management*). É possível perceber essa divisão

entre estudos de negócios turísticos e estudos turísticos para além de seus negócios na estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo, mas não tão bem delimitada como em Benckendorff e Zehrer (2013).

Nos agrupamentos de autores e obras ligados às ciências sociais, percebe-se o domínio de livros, com a quase inexistência de artigos de periódico. É perceptível a influência da sociologia, antropologia e geografia, mas a psicologia encontra-se, estranhamente, ausente. Os autores e documentos nacionais ocupam o centro dos agrupamentos, ao passo que os autores e documentos estrangeiros estão na periferia – John Urry e Urry (2002) são as exceções à regra.

Nos agrupamentos de autores e documentos ligados aos estudos de negócios turísticos, predominam os trabalhos sobre destino turístico (imagem, competitividade e gestão). Da rede de autores para a de documentos, os agrupamentos ficam mais especializados, e aumenta a proporção de artigos de periódico. Isso demonstra a combinação de livros de conteúdo mais geral com textos especializados, publicados em periódicos internacionais de alto impacto (campo de turismo e outros).

Por meio das redes de citação de autores e documentos, é possível distinguir agrupamentos centrados em sustentabilidade, turismo cultural e cultura, patrimônio, identidade e memória, qualidade na prestação de serviços, lazer e hospitalidade e estratégia e vantagem competitiva. Cada um deles tem seu nível de coesão interna e características particulares.

Há algumas lacunas e ausências sentidas na estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo, além das já colocadas. A principal é o pouco espaço ocupado por áreas “abrigadas” em três periódicos brasileiros de turismo, no caso a cultura (CULTUR – Revista de Cultura e Turismo), a inovação (Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo) e o ecoturismo (Revista Brasileira de Ecoturismo). No primeiro caso, há o Agrupamento D, mas, dada a existência desse periódico e a importância do turismo cultural, esperava-se que ele fosse mais denso e coeso, com a presença de documentos que trabalham com o turismo cultural como segmento de mercado. Não se conseguiu identificar nenhum documento específico centrada na questão da inovação. Por fim, o ecoturismo aparece dentro da questão da sustentabilidade, mas carece de um conjunto de documentos influentes dentro da estrutura intelectual.

Outras ausências notadas são autores e documentos ligados à administração pública, estudos de religião, ciência política, economia e, como já colocado, psicologia. Há escassez de artigos de periódico ligados às ciências sociais.

Não se tem conhecimento de pesquisa similar feita sobre os periódicos brasileiros de turismo, com o nível de profundidade e solidez metodológica aqui presentes. Trata-se de uma pesquisa pioneira, que avalia a estrutura intelectual presente nessas revistas científicas, por meio do método de acoplamento bibliográfico. Contudo, como é de praxe, ela abre caminhos para novas pesquisas, as quais podem enriquecer e colocar em perspectivas os resultados encontrados.

Por fim, cabe apontar três caminhos para o prosseguimento da pesquisa. Primeiro, cumpre elaborar a rede de cocitação e o *ranking* de periódicos (frequência de citações e presença). Trata-se de um complemento à análise da estrutura intelectual, por mais que sua principal utilidade seja revelar as principais inscrições (*inscriptions*) do campo de turismo no Brasil, para utilizar o termo de Tribe (2010). Segundo, cabe refazer a pesquisa, possivelmente para 2005-2024, a fim de verificar a estrutura intelectual. Com o crescimento da média e mediana de referências por artigo e o aumento da importância dos artigos de periódico (campo de turismo e outros), é possível que, com a inclusão de novos dados (2019-2024) e a retirada do período 1990-2004, seja possível ter uma visão mais clara da estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo. Terceiro, é possível realizar uma análise multivariada dos dados, de forma a identificar o peso de cada uma das variáveis utilizadas para se medir a importância dos principais autores e documentos da área.

Referências

Andrade, José Vicente de. *Turismo: fundamentos e dimensões*. Ática, 2000.

Andrade, Luís Fernando Silva, et al., “A produção científica em gênero no Brasil: um panorama dos grupos de pesquisa de administração”. *Revista de Administração Mackenzie*, vol. 15, no. 6, Nov.-Dez. 2014, pp. 48-75, <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/issue/view/421>. Acessado 16 jan. 2022

Baloglu, Seyhmus, and McCleary, Ken. W. “A model of destination image formation”. *Annals of Tourism Research*, vol. 26, no. 4, Oct. 1999, pp. 868-897, doi: <https://doi.org/https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/S0160-73>. Acessado 16 jan. 2022.

KOHLER, Andre; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. Periódicos Brasileiros de Turismo: Avaliação de sua estrutura intelectual, por meio do método de acoplamento bibliográfico (autores e documentos). *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol. 17, publicação continua, 2023, e023017. DOI: 10.36311/1981-1640.2023.v17.e023017.

- Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. Almedina, 2011.
- Barney, Jay. “Firm resources and sustained competitive advantage”. *Journal of Management*, vol. 17, no. 1, Mar. 1991, p. 99-120,
doi: <https://doi.org/https://doi.org/https://doi.org/10.1177/014920639101700108>. Acessado 16 jan. 2022
- Barretto, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Papirus, 1995.
- Barretto, Margarita. *Turismo e legado cultural*. Papirus, 2000.
- Barretto, Margarita. *Planejamento e organização em turismo*. Papirus, 2001.
- Barretto, Margarita. “O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo”. *Horizontes Antropológicos*, vol. 9, no. 20, Out. 2003, pp. 15-29,
doi: <https://doi.org/https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000200002>. Acessado 16 jan. 2022
- Benckendorff, Pierre. “Themes and trends in Australian and New Zealand tourism research: a social network analysis of citations in two leading journals (1994-2007)”. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, vol. 16, no. 1, 2009, pp. 1-15, doi: <https://doi.org/10.1375/jhtm.16.1.1>. Acessado 16 jan. 2022
- Benckendorff, Pierre, and Zehrer, Anita. “A network analysis of tourism research”. *Annals of Tourism Research*, vol. 43, 2013, pp. 121–149, doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2013.04.005>. Acessado 16 jan. 2022
- Beni, Mario Carlos. *Análise estrutural do turismo*. Senac, 1998.
- Beni, Mario Carlos. *Política e planejamento de turismo no Brasil*. Aleph, 2006.
- Blackwell, Roger D., et al., *Consumer Behavior*. Thomson South-Western, 2006.
- Blondel, Vincent D., et al., “Fast unfolding of communities in large networks”. *Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment*, Oct. 2008, P10008,
<https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1742-5468/2008/10/P10008/meta>. Acessado 16 jan. 2022.
- Boullón, Roberto C. *Planejamento do espaço turístico*. Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.
- Brasil. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasil, 1988.
- Brasil. *Turismo cultural: orientações básicas*. 3. ed. Ministério do Turismo, 2010.
- Broadus, R. N. “Toward a definition of ‘bibliometrics’”. *Scientometrics*, vol. 12, no. 5-6, nov. 1987, pp. 373-379, <https://link.springer.com/article/10.1007%2FBF02016680>. Acessado 16 jan. 2022.
-
- KOHLER, Andre; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. Periódicos Brasileiros de Turismo: Avaliação de sua estrutura intelectual, por meio do método de acoplamento bibliográfico (autores e documentos). *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol. 17, publicação continua, 2023, e023017. DOI: 10.36311/1981-1640.2023.v17.e023017.

- Buhalis, Dimitrios. "Marketing the competitive destination of the future". *Tourism Management*, vol. 21, no. 1, Feb. 2000, p. 97-116, doi: [https://doi.org/ https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(99\)00095-3](https://doi.org/https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0261-5177(99)00095-3). Acessado 16 jan. 2022.
- Camargo, Luiz Octávio de Lima. *O que é lazer*. Brasiliense, 1986.
- Camargo, Luiz Octávio de Lima. *Hospitalidade*. Aleph, 2004.
- Carvalho, Rodrigo A., et al., "Métodos de seleção de autores para estudos de cocitação: como definir um ponto de corte". *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, vol. 15, 2021, pp. 1-29, doi: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2021.v15.e02109>. Acessado: 20 abr. 2022.
- Choay, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 3. ed. Editora UNESP, 2006.
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. Editora da Fundação Getulio Vargas, 1991.
- Cooper, Chris, et al., *Turismo, princípios e prática*. 2. ed. Bookman, 2001.
- Coriolano, Luiza Neide Menezes Teixeira. *O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza*. Annablume, 2006.
- Crouch, Geoffrey I., and Ritchie, J. R. Brent. "Tourism, competitiveness, and societal prosperity". *Journal of Business Research*, vol. 44, no. 3, Mar. 1999, pp. 137-152, doi: [https://doi.org/10.1016/S0148-2963\(97\)00196-3](https://doi.org/10.1016/S0148-2963(97)00196-3). Acessado 16 jan. 2022.
- Cruz, Rita de Cássia Ariza da. *Política de turismo e território*. Contexto, 2000.
- Dencker, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. Futura, 1998.
- Dencker, Ada de Freitas Maneti. *Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas*. Futura, 2016.
- Dias, Reinaldo. *Turismo sustentável e meio ambiente*. Atlas, 2003.
- Dias, Reinaldo. *Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. Atlas, 2008.
- Dumazedier, Joffre. *Lazer e cultura popular*. Perspectiva, 1973.
- Dumazedier, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. Perspectiva, 2008.
- Dwyer, Larry, and Kim, Chulwon. "Destination competitiveness: determinants and indicators". *Current Issues in Tourism*, vol. 6, no. 5, 2003, pp. 369-414, doi: <https://doi.org/10.1080/13683500308667962> . Acessado 16 jan. 2022.

- Echtner, Charlotte. M., and Ritchie, J. R. Brent. "The meaning and measurement of destination image". *Journal of Tourism Studies*, vol. 14, no. 1, May 1991, pp. 37-48, <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.89.3276&rep=rep1&type=pdf>. Acessado 16 jan. 2022.
- Gallarza, Martina G., et al., "Destination image: towards a conceptual framework". *Annals of Tourism Research*, vol. 29, no. 1, Jan. 2002, pp. 56-78, doi: [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(01\)00031-7](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(01)00031-7). Acessado 16 jan. 2022.
- Gândara, José Manoel Gonçalves. "Reflexões sobre o turismo gastronômico na perspectiva da sociedade dos sonhos". *Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas*. Org. por Alexandre Panosso Netto, e Marília Gomes dos Reis Ansarah. Manole, 2009.
- Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. LTC, 1981.
- Gil, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. Altas, 2002.
- Gil, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Saraiva, 2019.
- Gilmet-Pagés, Ana Laura, et al., "Revistas académicas de humanidades em Uruguay: estado de situación y desafíos". *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, vol. 16, 2022, doi: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2022.v16.e02133>. Acessado 16 jan. 2022.
- Glänzel, W. *Bibliometrics as a research field: a course on theory and application of bibliometric indicators*. 2003. Disponível em: [https://www.cin.ufpe.br/~ajhol/futuro/references/01%23 Bibliometrics Module KUL BIBLIOMETRICS%20AS%20A%20RESEARCH%20FIELD.pdf](https://www.cin.ufpe.br/~ajhol/futuro/references/01%23%20Bibliometrics%20Module%20KUL%20BIBLIOMETRICS%20AS%20A%20RESEARCH%20FIELD.pdf). Acessado 10 abr. 2022.
- Goeldner, Charles R., and Ritchie, J. R. Brent. *Tourism: principles, practices, philosophies*. Wiley, 2011.
- González-Alcaide, Gregorio, et al., "Co-Citation analysis of articles published in substance abuse journals: intellectual structure and research fields (2001-2012)". *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, vol. 77, no. 5, Sep. 2016, pp. 710-722, doi: <https://doi.org/10.15288/jsad.2016.77.710>. Acessado: 15 abr. 2022.
- Grácio, Maria Cláudia Cabrini. "Acoplamento bibliográfico e análise de cocitação: revisão teórico-conceitual". *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 21, no. 47, Set./Dez. 2016, pp. 82-99, doi: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2016v21n47p82>. Acessado: 12 abr. 2022.

- Gusmão, Alexandre Oliveira de Meira, et al., “Consumo de informação na revista Informação e Sociedade: Estudos – 2001/2005”. *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 15, no. 1, 2010, pp. 44-69, <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/223>. Acessado 16 jan. 2022.
- Guzeller, Cem Oktay, and Celiker, Nuri. “Bibliometrical analysis of Asia Pacific Journal of Tourism Research”. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, vol. 24, no. 1, 2019, pp. 108-120, doi: <https://doi.org/10.1080/10941665.2018.1541182>. Acessado 16 jan. 2022
- Hair, Joseph F. Jr., et al., *Análise multivariada de dados*. Bookman, 2009.
- Hall, C. Michael. *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. Editora Contexto, 2001.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Lamparina, 2019.
- Ignarra, Luiz Renato. *Fundamentos do turismo*. Thomson Learning, 2000.
- Jogarathnam, Giri, et al., “An analysis of institutional contributors to three major academic tourism journals: 1992-2001”. *Tourism Management*, vol. 26, no. 5, Oct. 2005, pp. 641-648, doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2004.04.002>. Acessado 17 abr. 2022.
- Kessler, M. M. “Bibliographic coupling between scientific papers”. *American Documentation*, vol. 14, no. 1, Jan. 1963, pp. 10-25, doi: <https://doi.org/10.1002/asi.5090140103>. Acessado 17 abr. 2022.
- Kirilenko, Andrei P., and Stepchenkova, Svetlana. “Tourism research from its inception to present day: subject area, geography, and gender distributions”. *PLoS ONE*, vol. 13, no. 11: e0206820, 2018, doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0206820>. Acessado 16 jan. 2022.
- Koseoglu, Mehmet Ali, et al., “Bibliometrics studies in tourism”. *Annals of Tourism Research*, vol. 61, Nov. 2016, pp. 180–198, doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.10.006>. Acessado 16 jan. 2022.
- Kotler, Philip. *Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle*. 5. ed. Atlas, 1998.
- Kotler, Philip, e Keller, Kevin Lane. *Administração de marketing*. 15. ed. Pearson, 2019.
- Krippendorff, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Aleph, 2000.
- Kumar, Satish, et al., “The Journal of Heritage Tourism: a bibliometric overview since its inception”. *Journal of Heritage Tourism*, vol. 15, no. 4, 2020, pp. 365-380, doi: <https://doi.org/10.1080/1743873X.2020.1754423>. Acessado 16 jan. 2022.
- Lage, Beatriz Helena Gelas, e Milone, Paulo César. *Economia do turismo*. Atlas, 2001.

- Lashley, Conrad, e Morrison, Alison. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um Mundo globalizado*. Manole, 2015.
- MacCannell, Dean. *The tourist: a new theory of the leisure class*. University of California Press, 1999.
- Madeira, Nuno. *Marketing e comercialização de produtos e destinos*. SPI, 2010.
- Malhotra, Naresh K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 7. ed. Bookman, 2019.
- Miranda, Elaine Cristina Pinto de, e Rejowski, Mirian. “Turismo e hospitalidade no cenário da comunicação científica: avaliação de periódicos científicos eletrônicos”. *Revista Rosa dos Ventos*, vol. 5, no. 4, 2013, pp. 559-576,
<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2189>. Acessado 16 jan. 2022.
- Moesch, Marutschka. *A produção do saber turístico*. Contexto, 2002.
- Mulet-Forteza, Carles, et al., “A bibliometric research in the tourism, leisure and hospitality fields”. *Journal of Business Research*, vol. 101, Aug. 2019, pp. 819-827,
doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.12.002>. Acessado 16 jan. 2022.
- Oliveira, Antônio Pereira. *Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização*. Atlas, 2001.
- Organização Mundial do Turismo. *Guia de desenvolvimento do turismo sustentável*. Bookman, 2003a.
- Organização Mundial do Turismo. *Turismo internacional: uma perspectiva global*. Bookman, 2003b.
- Otte, Evelien, and Rousseau, Ronald. “Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences”. *Journal of Information Science*, vol. 28, no. 6, 2002, pp. 441-453,
doi: <https://doi.org/10.1177/016555150202800601>. Acessado 16 jan. 2022.
- Panosso Netto, Alexandre, e Palhares, Guilherme. Lohmann. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. Aleph, 2008.
- Parasuraman, A., et al., “SERVQUAL: a multiple-item scale for measuring consumer perceptions of service quality”. *Journal of Retailing*, vol. 64, no. 1, 1988, pp. 12-40.
- Parasuraman, A., et al., “A conceptual model of service quality and its implications for future research”. *Journal of Marketing*, vol. 49, no. 4, Sep. 1985, pp. 41-50,
doi: <https://doi.org/10.1177/002224298504900403>. Acessado 16 jan. 2022.
- Pechlaner, Harald, et al., “A ranking of international tourism and hospitality journals”. *Journal of Travel Research*, vol. 42, May 2004, pp. 328-332, doi: <https://doi.org/10.1177/0047287504263026>.
Acessado 16 jan. 2022.
- Petrocchi, Mario. *Turismo: planejamento e gestão*. Futura, 2001.

- Porter, Michael E. *Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência*. Atlas, 1986.
- Racherla, Pradeep, and Hu, Clark. “A social network perspective of tourism research collaborations”. *Annals of Tourism Research*, vol. 37, no. 4, Oct. 2010, pp. 1.012–1.034, doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.03.008>. Acessado 16 jan. 2022.
- Rejowski, Mirian. *Turismo e pesquisa científica*. Papirus, 1996.
- Ritchie, J. R. Brent, and Crouch, G. I. *The competitive destination: a sustainable tourism perspective*. CABI, 2003.
- Rodrigues, Adyr Balastrieri. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. Hucitec, 1999.
- Ruschmann, Doris van de Meene. *Marketing turístico: um enfoque promocional*. Papirus, 1990.
- Ruschmann, Doris van de Meene. *Turismo e planejamento sustentável*. Papirus, 1997.
- Sancho, Amparo. *Introdução ao turismo*. Roca, 2001.
- Santos, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- Santos, Glauber Eduardo de Oliveira, et al., “Análise de citações de periódicos científicos de turismo no Brasil: subsídios para a estimação de indicadores de impacto”. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, vol. 11, no. 1, Jan.-Abr. 2017, pp. 61-88, doi: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v11i1.1105>. Acessado 16 jan. 2022.
- Small, Henry G. “A co-citation model of a scientific specialty: a longitudinal study of collagen research”. *Social Studies of Science*, vol. 7, no. 2, 1977, pp. 139-166, doi: <https://doi.org/10.1177/030631277700700202>. Acessado 10 abr. 2022.
- Smith, Valene L. *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. 2. ed. University of Pennsylvania Press, 1989.
- Strandberg, Carola, et al., “Tourism research in the new millennium: a bibliometric review of literature in Tourism and Hospitality Research”. *Tourism and Hospitality Research*, vol. 18, no. 3, Jul. 2018, pp. 269–285, doi: <https://doi.org/10.1177/1467358416642010>. Acessado 16 jan. 2022.
- Swarbrooke, John. *Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental*. Aleph, 2000
- Swarbrooke, John, e Horner, Susan. *O comportamento do consumidor no turismo*. Aleph, 2002.
- Tribe, John. “The indiscipline of tourism”. *Annals of Tourism Research*, vol. 24, no. 3, 1997, pp. 638–657, doi: [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0). Acessado 16 jan. 2022.

- Tribe, John. “Tribes, territories and networks in the tourism academy”. *Annals of Tourism Research*, vol. 37, no. 1, Jan. 2010, pp. 7–33, doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.05.001>. Acessado 16 jan. 2022.
- Turner, Louis, and Ash, John. *The golden hordes: international tourism and the pleasure periphery*. St. Martin’s Press, 1976.
- Urry, John. *The tourist gaze*. 2. ed. Sage, 2002.
- Xiao, Honggen, and Smith, Stephen L. J. “The making of tourism research: insights from a social sciences journal”. *Annals of Tourism Research*, vol. 33, no. 2, Apr. 2006, pp. 490-507, doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2006.01.004>. Acessado 16 jan. 2022.
- Yin, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Bookman, 2010.
- Zhao, Weibing, and Ritchie, J. R. Brent. “An investigation of academic leadership in tourism research: 1985–2004”. *Tourism Management*, vol. 28, no. 2, Apr. 2007, pp. 476–490, doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2006.03.007>. Acessado 16 jan. 2022.

Dados da pesquisa

Os autores declaram que os dados da pesquisa estão disponíveis, mediante solicitação.

Copyright: © 2023 KOHLER, Andre; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 19/02/2022

Accepted: 30/03/2023